



## PRESS MONITORING

18 | PORTUGAL | PÚBLICO, QUI 14 MAR 2013

## Há cada vez mais jovens a vender ou cultivar droga por causa da crise económica

União Europeia  
Ana Henriques

Especialistas temem que desempregados passem a usar substâncias ilícitas como forma de escape à realidade

Há cada vez mais jovens a dedicarem-se à venda ou ao cultivo de droga para ganhar dinheiro, revela um estudo divulgado ontem pela Comissão Europeia. Em causa está sobretudo a plantação doméstica de cannabis.

O impacto da crise económica no mercado de estupefacientes é um assunto que preocupa os especialistas, e são poucos os que entendem que a falta de dinheiro vai levar os consumidores a abandonar os seus hábitos. "É expectável que as dificuldades económicas façam aumentar os problemas relacionados com drogas e álcool", refere um deles no estudo em causa, desenvolvido pelos institutos de pesquisa Trimbus e Rand Europe. "Se mais gente perder o emprego e passar a viver abaixo do limiar da pobreza, aumentarão as possibilidades de algumas dessas pessoas usarem substâncias ilícitas para se evadirem da realidade." E por muito que o consumo das drogas mais caras, como a cocaína, possa decrescer, o cenário torna-se cada vez mais propício à expansão do mercado das substâncias sintéticas, bem menos dispendiosas e vendidas em larga escala pela Internet. O ritmo de surgimento de novas drogas tem sido acelerado: nos últimos dois anos verificou-se que todas as semanas surgiu uma nova substância.

Em 2011, foram detectadas pela primeira vez, através do sistema de alerta rápido da União Europeia, 49 novas substâncias psicoativas. Este valor representa o maior número de substâncias comunicadas num só ano, tendo sido comunicadas 41 substâncias em 2010 e 24 em 2009. Dados preliminares relativos a 2012 não revelam uma diminuição, tendo já sido detectadas mais de 50 substâncias, refere um comunicado da da Representação da Comissão Europeia em Portugal.

Já o consumo de drogas tradicionais, como a cocaína ou a heroína estabilizou.

"Gente desempregada e marginalizada pode vir a envolver-se não apenas no consumo, mas também no tráfico", referem os especialistas.



Mercado do cannabis valeu na UE entre 7 a 10 mil milhões de euros

"O uso de drogas causado pelo desemprego e pela exclusão social também pode ser visto como uma força de automedicação". A pressão dos consumidores para obterem produtos mais baratos conduzirá os traficantes a reduzir a qualidade, recorrendo a produtos farmacêuticos e até de uso veterinário. O impacto do aumento dos chamados "produtos de corte", que reduzem a pureza das substâncias ilícitas, poderá fazer-se sentir no recurso a hospitais e centros de saúde.

Mas estas não serão as únicas consequências da crise económica, que

"deverá igualmente provocar uma redução dos fundos consagrados às políticas de luta contra a droga, em especial no que respeita aos tratamentos e às medidas de redução dos seus efeitos nocivos". Os elevados custos dos programas de substituição baseados na metadona levaram alguns Estados-membros da União Europeia a substituí-los por programas de abstinência. "Na prática, isto pode fazer com que os dependentes acabem por não ter qualquer tipo de tratamento", observa outro especialista entrevistado para este estudo. Isso levará, quase inevitavelmente, ao aumento dos crimes relacionados com a obtenção de dinheiro para a droga. Por outro lado, os fundos dedicados às operações policiais de investigação de redes de narcotráfico podem vir a decrescer.

Ninguém sabe bem quais serão as soluções para evitar que o cenário piore. Numa tentativa de minorar o problema, a comissão da União Europeia responsável pela Justiça, Viviane Reding, anunciou que pretende propor até ao final do ano legislação mais severa sobre as novas substâncias psicoativas e o tráfico ilícito. "Temos de actuar a nível da União Europeia e proteger os nossos filhos", declarou. Já vários dos especialistas ouvidos no âmbito deste estudo falaram das políticas de descriminalização, solução adoptada em Portugal (ver caixa), mas também da necessidade de enveredar por políticas sociais de combate ao desemprego e à exclusão social.

O estudo estima que na União Europeia o mercado de cannabis, a droga mais consumida pelos europeus, tenha atingido em 2010 um valor de mercado de sete a dez mil milhões de euros.



### Breves

#### Justiça

#### Havia mais 1537 presos em 2012 do que a lotação máxima

O número de reclusos nas cadeias portuguesas no final do ano passado era de 13.614, ultrapassando em 1537 lugares a lotação máxima, segundo estatísticas da Direcção-Geral de Reinserção e Serviço Prisionais. Já os suicídios nas cadeias duplicaram em 2012 em relação a 2011, tendo-se suicidado 16 reclusos. Em 2012, por causas várias, morreram nas cadeias 66 presos.

#### Ministério Público

#### Colocação de Cândida Almeida decidida terça-feira

A colocação da procuradora-geral adjunta Cândida Almeida, ex-directora do Departamento Central de Investigação e Acção Penal (DCIAP), será decidida na próxima reunião do Conselho Superior do Ministério Público, programada para terça-feira. Cândida Almeida exerceu, até 8 de Março, as funções de directora do DCIAP, tendo sido substituída no cargo pelo procurador-geral adjunto Amadeu Guerra.

#### Exames

#### Novas regras para alunos daltónicos, cegos e baixa visão

Os enunciados das provas finais de ciclo e exames nacionais com cor vão incluir este ano o código internacional para daltónicos (ColorADD), podendo ser realizadas "indistintamente por alunos normovisuais e daltónicos". Serão também disponibilizados enunciados específicos para alunos cegos, alunos com baixa visão e alunos com limitações motoras severas.

## Abandono escolar caiu para níveis residuais

Educação  
Rita da Nova

O abandono escolar no ensino básico em Portugal está actualmente nos 1,7%, indica um estudo apresentado ontem por David Justino, ex-ministro da Educação e Investigador da Universidade Nova de Lisboa, durante a 3.ª Conferência da EPIS - Empresários pela Inclusão Social.

"Isto corresponde a um grupo de 11.500 miúdos e, embora sejam números residuais, não devem ser esquecidos", salientou David Justino na apresentação do *Atlas do Abandono e do Insucesso Escolar em Portugal*, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

O estudo, centrado nas crianças dos dez aos 15 anos que deixaram a escola sem o 3.º ciclo do ensino básico completo, incluindo os que nunca o frequentaram, faz uma análise comparativa dos números do abandono escolar em Portugal entre 1991 e 2011, quando a escolaridade obrigatória ia até ao 9.º ano (agora está no 12.º). Há 20 anos, essa taxa era de 12,6%. Actualmente encontra-se nos 1,7%.

"Houve uma redução quantitativa e uma alteração na natureza do abandono", explicou. Em 1991, "o grande pólo geográfico ligado ao abandono" estava localizado no Litoral Norte do país. Com base nos censos de 2011 verificou-se que "houve uma deslocação para os distritos do interior". Embora ainda não se saibam os motivos desta alteração, David Justino avançou que esta não será "independente da rota de circulação de algumas minorias étnicas, que se fixaram no interior do país".

Paços de Ferreira, Lousada e Felgueiras estão entre os municípios com maior redução da taxa de abandono escolar no período abrangido pelo estudo.

Quanto ao abandono escolar nos jovens entre os 18 e os 24 anos que saíram da escola sem o secundário completo, incluindo os que nunca o frequentaram, a taxa caiu de 63,7%, em 1991, para 27,1%, em 2011.

O estudo indica ainda que, em 20 anos, a escolarização média aumentou de 4,6 anos, em 1991, para 7,4 anos, em 2011. Pampilhosa da Serra (4,58), Penamacor (4,75) e Idanha-a-Nova (4,77) fazem parte dos 25 concelhos abaixo da média. Em contrapartida, Oeiras (10,00), Lisboa (9,59) e Cascais (9,50) situavam-se acima da média de escolarização.